

A contra-história da américa latina a partir do romance *Sobre heróis e tumbas*

Juliana Dias Dos Santos Silva

Resumo: Esse estudo pretende investigar como Ernesto Sábato discute em sua obra a questão política e ideológica da América Latina, especialmente da Argentina, quando da implantação das violentas ditaduras que sofreu. O autor rememora heróis que fizeram parte no curso dessa história, como protagonistas na luta pela democracia e independência. Nesse sentido, a análise propõe uma reflexão acerca da singularidade da literatura latino-americana inserida em seu contexto sócio-histórico, que tentava, muitas vezes, viabilizar a comunicação silenciada por regimes autoritários.

Palavras-chave: Argentina, América Latina, ditadura, política, literatura

Abstract: This study aims to investigate how Ernesto Sabato discusses his work in the political and ideological Latin America, especially in Argentina, where the deployment of violent dictatorships suffered. The author recalls heroes who took part in the course of this story, as protagonists in the struggle for democracy and independence. In this sense, the analysis proposes a reflection on the uniqueness of Latin American literature inserted in its socio-historical context that tried often allow communications silenced by authoritarian regimes.

Keywords: Argentina, Latin America, dictatorship, politics, literature

1. INTRODUÇÃO

Literatura e história intrinsecamente relacionadas é, sem dúvida, usual, desde Aristóteles na Poética. É quando a arte dispõe sua pena a serviço duma certa voz histórica, que se sobressai, a fim de discutir relevantes momentos da jornada humana. Essa correlação pode ser verificada em diversas obras literárias como, por exemplo, em “Sobre Heróis e Tumbas”, romance de Ernesto Sábato.

O século XX inaugura-se sem que estejam consolidadas as democracias e repúblicas latino-americanas. Esse ambiente político fragilizado facilitou o surgimento de regimes governamentais ilícitos, que se impuseram à força, prometendo resolver emergencialmente problemas nacionais.

O silêncio imposto por esses regimes de governo repressores dificultava a comunicação e daí surge a necessidade de veículo que possibilite a expressão, de alguma forma. Desse modo, a literatura, enquanto arte, cumpriu um importante papel, uma vez que pôde dar voz à liberdade de expressão.

Na obra “Sobre Heróis e Tumbas”, Ernesto Sábato aborda as questões políticas e sociais da América Latina em um discurso que mescla ficção e história. Por trás da ficção, acontecem movimentos políticos que revelam aos poucos um panorama da busca desses povos pela liberdade.

A partir da sujeição da América pelo europeu iniciou-se um processo que passou pela busca de identidade e culminou no desejo convicto de libertação. Um longo caminho seria percorrido até

que a América pudesse proclamar sua liberdade e independência. A ameaça, porém, das ditaduras e dos governos populistas constituem um entrave à liberdade desejada e, de certa forma, promovem um retrocesso do caminho trilhado nessa busca.

Esse processo de afirmação nacional custou muitas vidas e precisou da audácia de pessoas dispostas a consumirem-se por esse ideal. Na busca pela sua independência, a América Espanhola contou com Simón Bolívar e San Martín, hoje aclamados como heróis.

O presente artigo se propõe a investigar como Sábato aborda em sua obra esses heróis e suas lutas em prol de seus ideais libertários. Dispõe-se por meio do estudo da história da Argentina a promover uma correlação com a obra, buscando, assim, a reflexão sobre seu discurso político. Desse modo, será possível perceber como o contexto político influi quando da produção literária neste caso.

Para tal investigação concretizar-se, foram necessários como referência os estudos de Hobsbawm (2009), que traça um panorama da história geral do século XX, bem como as contribuições de Rinke (2012) e Galeano (1983), que abordam, respectivamente, a história da América Latina desde a povoação primitiva do continente até a chegada dos europeus e, no outro caso, um discurso crítico acerca da situação econômica e política do continente.

2.

Nas primeiras décadas do século XX a América Latina ainda não havia consolidado a

independência e a democracia de suas repúblicas. Instalaram-se em países como Brasil e Argentina a alternância entre governos autoritários populistas e ditaduras violentas. Nesse contexto, floresceu uma produção literária voltada para questões sociais e políticas, como a obra do escritor argentino Ernesto Sábato. No entanto, em épocas de censura, o discurso político que se configurava como oposição há de ser silenciado. Assim, muitos intelectuais usaram a literatura como forma de viabilizar o discurso silenciado pelos regimes autoritários. Esse fato traz para a literatura latino-americana do século XX características peculiares.

O romance *Sobre Heróis e Tumbas*, que será analisado neste estudo, trata-se de uma ficção que se desenvolve entrelaçada a movimentos políticos, sendo uma obra que exemplifica conturbados momentos da história da Argentina.

Ernesto Sábato sempre fora preocupado com as questões sociais e engajado na política. Nasceu na cidade de Rojas, província de Buenos Aires, aos 24 de junho de 1911.

Cursou Estudos de Filosofia na Universidade de La Plata, onde lecionavam grandes homens da ciência, provenientes da Europa. Em La Plata, Ernesto conheceu Matilde, sua companheira; lá nasceu seu primeiro filho, Jorge Frederico e, ainda, morreram seus pais.

Para expressar as atribulações de seu espírito, escrevia bastante, mas sempre queimava os escritos. Buscava a leitura num ritmo febril, pela angústia em que vivia, buscando refúgio na

matemática, na arte e na literatura, que o mantinham numa supra realidade.

Marcaria sua vida o rompimento com o comunismo, por volta de 1935. O escritor sempre se incomodou com a injustiça social. Em virtude disso, na juventude vinculou-se a grupos anarquistas e comunistas na Argentina. Militante, lutava em favor dos oprimidos. Por isso, quando em 1930 se deu o primeiro golpe militar nesse país, do general Uriburu, “terrível esanguinário”, teve de entrar na clandestinidade. Os militantes, quando capturados, eram encarcerados, torturados e mortos cruelmente. Por ser filiado à Juventude Comunista, que estava sendo perseguida pelo regime militar, teve de sair de La Plata, interrompendo seus estudos ao instalar-se em Avellaneda.

A dialética constante e divergência de opiniões levaram o Partido a considerar Ernesto uma ameaça, e injustamente ele foi concebido como inadequado aos moldes do regime. Essa ruptura seria dramática, o ressentimento ele carregaria consigo. Encerrou-se, assim, na Universidade de La Plata e em poucos anos concluiria o doutorado. Mas outra divisão de águas estava prestes a se concretizar, e o renomado físico, com uma consolidada e próspera carreira, abandonou o universo das ciências para dedicar-se a arte.

Em 1945 publicou seu primeiro livro, *Uno y el Universo*, em cujo prólogo escreve: “A ciência foi uma companheira de viagem durante um tempo, porém já ficou para trás.” O primeiro romance, *O Túnel*, veio em 1948, onde retrata angústias psicológicas, a loucura e neuroses, abordados a

partir de um crime. Seu segundo romance, *Sobre Héroes y Tumbas*, que será analisado neste artigo, só foi publicado dez anos depois da primeira novela, *O Túnel*.

Seu talento foi reconhecido com o Prêmio Cervantes, que recebeu em 1984. Dois anos mais tarde recebeu o Prêmio Jerusalém, em 1989, em Israel.

A obra de Ernesto Sábato está profundamente interligada à história da América Latina. Assim, sua ficção apresenta, sob roupagem diversa, um pouco da história desse povo, rememorando importantes acontecimentos e heróis que não devem ser esquecidos. Nesse contexto, faz-se necessário retomar a história dessa terra conhecida como América Latina.

Apesar da posse e conquista oficial desse território ter sido efetivada por Cristóvão Colombo em 1492, coube a Américo Vespúcio ser homenageado, e o novo continente foi batizado com seu nome. O termo "latina" foi incorporado posteriormente.

O termo "descobrimento" não é adequado para caracterizar essa chegada do homem branco à América. Isso porque o que de fato ocorreu foi uma conquista impositiva, de terras que há muito já se sabia existirem. Desde a Antiguidade, na Europa, já havia a idealização de uma terra desconhecida no Ocidente. Essa teoria ganhou mais impulso com as viagens transatlânticas de frades irlandeses e dos vikings. Entretanto, esses conhecimentos não foram muito difundidos e demoraria algum tempo ainda para as primeiras expedições serem iniciadas.

A relação comercial conflituosa e já desgastada com o Oriente corroboraria para a expansão marítima. A primeira conquista deu autoconfiança aos europeus, enfim o homem havia desafiado o terrível mar de monstros e mitos. A investida em territórios estrangeiros era justificada por uma "missão civilizatória e cristã", no intuito de levar o possível benefício da civilização e o Cristo. Mas a ambição se revelava na busca de especiarias e metais preciosos e a curiosidade em conhecer novas culturas.

Após superar alguns entraves que a impedia de participar da exploração colonial, a Espanha também consegue, enfim, entrar na disputa pelas novas terras. Em 1493, saía em viagem o genovês Cristóvão Colombo, patrocinado por esse reino. Pensando ter chegado às Índias, chamou os habitantes desse lugar de índios. Morreu sem saber que havia chegado ao novo continente. Só em 1504 o navegador Américo Vespúcio confirmaria a descoberta das novas terras.

Desse modo iniciou-se o ciclo das grandes navegações, o que acarretaria um choque entre culturas tão distintas. Mais tarde também outros países entrariam na disputa, impulsionados pelas sonhadas riquezas da terra.

Muitos aventureiros lançaram-se à viagem. Deu-se o saqueio desenfreado as riquezas da América. Em busca de riquezas, a população nativa foi subjugada e menosprezada. Passou a servir apenas como objeto de exploração. E, quando havia oposição e os indígenas de alguma maneira constituíam entrave à dominação colonialista, o

homem branco não hesitou em tratá-los com truculência. Afirma Galeano (1983, p. 68):

“Finalmente, a população das ilhas do Caribe deixou de pagar tributos, porque desapareceu: os indígenas foram completamente exterminados nas lavagens de ouro, na terrível tarefa de revolver as areias auríferas com a metade do corpo mergulhada na água, ou lavrando os campos até a extenuação, com as costas dobradas sobre os pesados instrumentos de aragem trazidos da Espanha.”

O colonialismo continuou prosperando até o século XVIII, quando já começara a apresentar sinais de declínio. A partir do momento em que se foi formando uma nova população nativa, inaugurou-se um sentimento de nacionalismo, antes ausente.

A independência das colônias norte-americanas e seu progresso precursor vieram impulsionar uma era de revoluções, consolidada com a Revolução Industrial e a Revolução Francesa. Os estados ibéricos constituíam entrave ao progresso capitalista, uma vez que dificultavam as relações comerciais entre América Latina e as metrópoles, pois estavam ainda apegados ao mercantilismo colonialista.

Esse sistema colonialista dava, portanto, sinais de esgotamento. Com o advento da Revolução Industrial, fazia-se necessário a ativação de novos mercados. Nesse sentido, a Inglaterra que um dia ajudara o colonialismo, com o tráfico negreiro, agora queria que, definitivamente, fossem rompidas as barreiras coloniais.

Então ventos de liberdade varreram a América e o sucesso da receita das colônias norte-americanas fez com que acreditassem na possibilidade de tempos mais democráticos. Somou-se à ideologia

instaurada à insatisfação das elites da América espanhola. Os espanhóis da metrópole tinham altos cargos da administração colonial e gozavam de privilégios. Os ideais iluministas e o exemplo norte-americano vieram fornecer a base ideológica para a libertação das colônias.

Entre 1817 e 1821 processou-se a revolução que libertaria boa parte dos países latino-americanos. Os líderes que encabeçaram essa conquista foram Simon Bolívar e José de San Martín, que, com o apoio da Inglaterra e dos Estados Unidos, percorreram quase toda a América Espanhola. Estes países tinham interesses comerciais, principalmente a Inglaterra, que carecia de novos mercados para consumir seus produtos. Bolívar e San Martín foram figuras decisivas na revolução vitoriosa que libertou a maioria dos países da América Latina. Isso justifica o fato de seus nomes terem se perpetuado na história, e que até a contemporaneidade sejam venerados como heróis libertadores. Na Argentina, suas figuras inspiraram uma ideologia de revolução libertadora.

Mesmo por isso, escritores que viveram em épocas das sangrentas ditaduras que ocorreram nesse hemisfério sul, como Ernesto Sábato, evocam em sua literatura esses mesmos nomes, como para lembrar o povo oprimido de que é possível a revolução. De que outra maneira falar em períodos de repressão tão violenta, se não com metáforas e analogias? Assim, apenas a alusão a nomes como San Martín, Bolívar ou Belgrano significam muito, em épocas em que a censura ceifa a livre expressão.

A novela de Sábato *Sobre Héroes y Tumbas* faz referência aos nomes desses reconhecidos heróis latinos. Essa alusão não se dá por acaso, mas propositalmente, e guarda relevantes significações.

A Argentina foi palco de grandes atrocidades originadas a partir da disputa do poder político, o que não a torna distinta de seus vizinhos sul-americanos.

Os principais líderes que ajudaram a efetivar a independência da região onde hoje está o Estado da Argentina foram os generais Manuel Belgrano e San Martín. A campanha iniciou-se por volta de 1810. Ainda ocorreriam intensas lutas e a consolidação efetiva da independência da Espanha dar-se-ia em 9 de julho de 1816, data oficial. No entanto, os argentinos comemoram esse feito no dia 25 de maio, pelo fato do processo pela emancipação haver começado nesse dia, no ano de 1810.

Assim, San Martín, Manuel Belgrano e Simon Bolívar encabeçaram a revolução emancipadora, que libertou não apenas a Argentina, mas outros países sul-americanos. Em julho de 1822 celebrou-se a união entre San Martín e Bolívar, que passaram a trabalhar juntos em prol do ideal comum. A divergência entre ambos levou, porém, a dissolução da aliança. Martín desejava estabelecer uma monarquia constitucional, e Bolívar, uma república que, se possível, unificasse toda a América Espanhola. O conflito de interesses que podia prejudicar a América foi evitado por San Martín, que abdicou de sua vontade e recolheu-se ao exílio na França.

O século XX inaugurou-se desafiador para o Novo Mundo. O pós-guerra revelou um mundo dividido entre partidários do capitalismo e do socialismo. Essa polarização ideológica comandada pela URSS e pelos Estados Unidos surtiu reflexos no mundo como um todo. Ambas potências financiaram guerras, tentando ampliar sua área de influência nos países em que estas tinham interesse econômico; ao mesmo tempo, estavam buscando evitar a expansão da ideologia oposta. Nesse sentido, a América Latina, em suas frágeis democracias, tornou-se centro de disputa das potências. Por outro lado, a maioria dos países latinos tentava encaixar-se em um dos pólos.

Surgiriam várias ditaduras militares latino-americanas. Assim, em 1930, na Argentina deu-se o primeiro golpe militar. O governo de Yrigoyen foi derrubado pelo general José Felix Uriburu, que permaneceu pouco tempo no poder. Em 1932, se demitiu e convocou eleições. Seguiria a este governo um período democrático até 1943, quando ocorreu a “Revolução de 1943”. O que foi dito como Revolução, na verdade, configurava-se um golpe militar. Este antecederia ao governo de Juan Domingos Perón, agente político que imprimiria relevante participação na história argentina.

O coronel Juan Domingos Perón fez-se notar no cenário político argentino a partir da Revolução de 1943. Conseguiu ascender notavelmente dentro do governo, auxiliando na resolução de conflitos. Conforme Romero (2006, p. 72) “destacava-se entre seus colegas pela capacidade profissional e pela amplitude de sua visão política”.

O governo militar que assumiu foi encabeçado, sucessivamente, por Pedro Pablo Ramírez e Edelmiro J. Farrell. A repressão iniciara-se. Os militares trataram de coibir a agitação política e os protestos sociais. Dissolveram partidos, intervieram nas universidades, demitiram professores que militavam na oposição. Perseguiram o ideal autoritário e, para tal, contaram com a ajuda denacionalistas e católicos integralistas, grupo que havia militado ao lado de Uriburu e, segundo Romero (2006, p. 47) “deram o tom ao regime militar: autoritário, antiliberal messiânico, obcecado pela formação de uma nova ordem social e por evitar o caos do comunismo, que, segundo pensavam, seria a seqüela inevitável do pós-guerra” .

Em julho de 1944 o coronel Perón tornou-se vice-presidente e a genuína alma do governo. Passou a dedicar-se bastante à causa operária, estabelecendo vínculos com líderes sindicais, com exceção dos comunistas, os quais passou a perseguir. Concedeu uma série de benefícios, ampliou o regime de aposentadorias, férias remuneradas. Interveio nas relações entre patrões e empregados, e, enfim, iniciou a linha de defesa das massas operárias.

Por outro lado, tentava convencer seus colegas militares do perigo das massas operárias desorganizadas e do comunismo, que avançava na Europa. Sugeria canalizar essa força, se tivesse o poder necessário. Assim, buscava convencer a todos da necessidade da implantação de um governo central forte e que soubesse conduzir as massas.

Diante da incerteza provocada pela figura do coronel sindicalista, o Exército forçou sua renúncia em 8 de outubro. Mas já havia conquistado quem o defendesse: uma multidão reunida na Plaza de Mayo exigiu sua liberdade e a restituição dos cargos que ocupava. A multidão se constituía, essencialmente, de operários. Assim tornou-se, então, candidato oficial à Presidência.

O Presidente Perón seguiu com sua política de defesa das classes operárias. Mas tratou de reprimi-las também. Desejava ter o absoluto controle do Estado sobre estas. Colocou sua esposa, Eva Perón, no controle da força sindical, ocupando vaga deixada por ele. Desse modo, Eva passou a ser a mediadora entre o governo e os operários, uma forma de manter o controle do sindicato.

Eva Perón construiu uma imagem mitológica na nação argentina. Tornou-se figura fundamental no governo, desenvolvendo ações relevantes de apoio social. Afirma Romero (2006, p. 104) que “a fundação que tinha seu nome [...] realizou obras de grande magnitude: criou escolas, lares para idosos e órfãos, e centros médicos; distribuiu alimentos e presentes de Natal”.

Seguiam, presidente e esposa, determinados rumo ao autoritarismo, manipulando grande parcela da sociedade, composta por operários e pessoas mais humildes. Ficavam de fora desse contingente intelectuais, comunistas, e opositores. A democracia ganhou ares de ditadura, direitos foram cerceados. O Poder Legislativo foi limitado, a mídia oposicionista controlada, e instituiu-se o direito a reeleição. Dessa maneira, o peronismo

tentava esconder na democracia sua propensão à ditadura.

Sobre Heróis e Tumbas foi publicada em 1961. A ficção desenvolve-se a partir de um fato verídico: Alejandra assassina seu pai e depois lança fogo ao seu quarto, morrendo queimada. O crime foi registrado na crônica policial.

O romance intercala três fios narrativos: a relação amorosa entre Alejandra e Martín; a história da Seita Sagrada dos Cegos e períodos da história política da Argentina.

O jovem Martín, de 17 anos, conhece Alejandra, que conta 18 anos. Apesar da idade, Alejandra revela-se madura, bem mais experiente do que Martín. Além disso, a moça apresenta um comportamento paranóico, parece ser perturbada por forças malignas e sofre crises psicológicas constantes. Nasce uma conturbada relação amorosa. A jovem sente-se incapaz de viver esse tipo de relacionamento, tenta romper várias vezes com Martín, que se recusa a aceitar.

Intercalada a essa relação, Sábato desenvolve a história da construção do Estado Argentino e menciona heróis que fizeram parte dessa missão.

A loucura de Fernando, pai de Alejandra, faz com que acredite na existência da Seita Sagrada dos Cegos. Na ânsia de descobrir os segredos da seita, desenvolve comportamento obsessivo e acredita estar sendo perseguido pelos seus membros.

As três realidades desenvolvem-se na obra intercaladamente. Ao final, Alejandra, impossibilitada de frear seus impulsos malignos, trancou-se com seu pai em um dos quartos e o

matou com tiros de uma pistola. Depois espalhou gasolina pelo próprio corpo, morrendo queimada. Intriga o fato de Alejandra ter optado por atear fogo no próprio corpo, sendo que havia duas balas na pistola. No quarto, foi encontrado um exemplar do *Informe Sobre Cegos*, que Fernando Vidal escreveu na noite de sua morte.

Ao analisar a obra *Sobre heróis e tumbas*, a primeira - e curiosa - relação entre a história real e a ficção dá-se entre os nomes de personagens - reais e fictícios. O nome de Martín, personagem do livro, remete ao de San Martín, herói da emancipação e "pai da pátria" argentina. O nome desse herói nacional guarda importantes simbologismos. A relação entre os nomes pode ter a pretensão de fazer alusão a ideologia do libertador, uma metáfora a fim de incitar, na população, a busca pelos ideais libertários. Coincidem ainda, personagem histórico e fictício, no fato de San Martín ter abnegado de suas pretensões a favor de Bolívar - indo para o exílio a fim de evitar divergências que prejudicariam a América Latina. Martín também abnegou de sua vida para seguir Alejandra e viver por ela, interessando-se apenas por ajudá-la em suas crises paranóicas, permitindo que ela se tornasse protagonista em sua vida.

A obra rememora episódios marcantes da luta do povo argentino pela emancipação e liberdade. Quando lembra o nome de Martín, quer levar os olhos ao passado para torná-lo exemplo de luta e superação. A evocação é necessária, pois o cenário político contemporâneo à composição da obra mostra um país sob a ameaça de ditaduras

violentas, como a do general Uriburu, passado recente.

Entretanto, debate não apenas a repressão das violentas ditaduras, mas também as armadilhas dos governos populistas, como o de Perón. A bandeira da justiça social e a estrutura que este governo montou em prol dos “humildes” apareciam como base de sustentação do governo. Perón apoiou-se na classe operária e fez dela sua força. Era o que ele precisava para, paulatinamente, implantar seu autoritarismo.

Em 1947 a Suprema Corte fora substituída e passou-se a utilizar o recurso de intervir nas províncias. A autonomia das universidades foi vetada, e até mesmo para serem nomeados, os docentes dependiam de um decreto do Executivo. Ao Poder Legislativo coube uma autonomia de fachada, pois, conforme Romero (2006, p.103) “projetos eram preparados no gabinete da presidência e aprovados sem modificações”. Os opositores, bem como a mídia contrária ao governo, foram reprimidos. Esses episódios exemplificam o tipo de democracia que se executava na Argentina. O autoritarismo e a repressão são típicos de uma ditadura, mas a fachada dizia que aquele era um país democrático. A armadilha consiste em ludibriar o povo, tentando legitimar um regime obscuramente ditatorial. Segundo Romero (2006, p.107):

“Os jornais independentes foram pressionados de mil maneiras: cotas de papel, restrições à circulação, atentados e, em dois casos extremos, – no *La Prensa* e no *La Nueva Provincia*, em 1951 – a expropriação. A reforma da constituição, realizada em 1949, acabou com a última grande salvaguarda institucional

contra o autoritarismo e estabeleceu a possibilidade de reeleição presidencial”

A população, em sua maioria, aplaudia a ação do coronel Perón no governo. A razoável melhoria nas condições de vida do trabalhador e o acréscimo de vários direitos trabalhistas ajudaram na construção de uma percepção distorcida do governo, que contemplava apenas uma vertente. A parceria com Eva veio completar o quadro, ela passou a executar ações sociais e, assim, tomar para si outra fatia grande da população: os mais pobres. As massas, até então desprezadas, passaram a gozar de uma pseudo-cidadania, sentiam-se co-atuantes no governo. No entanto, as ações populistas de Perón eram percebidas por uma parcela descontente de argentinos, que viam essa aceitação da maioria como uma *cegueira em massa*.

Pode-se perceber essa cegueira manifestada em *Sobre heróis e tumbas* na alusão à Seita Sagrada dos Cegos. A cegueira pode indicar a retratação de um mal físico, como violência de episódios da ditadura, dos quais constam narrativas que falam de pessoas vendadas em sessões de tortura. Observa-se no trecho da obra referência a períodos obscuros das ditaduras (2002, p. 65): “a noite, a infância, as trevas, as trevas, o terror e o sangue, sangue, carne e sangue”. Também há a cegueira das massas, justificada pela ignorância política, que as impediam de ver os absurdos das atitudes de Perón. A cegueira consistiria de uma percepção demasiado otimista da situação do país, em que eram percebidas apenas as benfeitorias e excluídos os demais aspectos.

Notadamente, esse governo contava com uma relevante aceitação das massas, que viam em Perón uma autoridade carismática, imbuíam-lhe atributo do chefe herói, que possui uma missão, uma grandeza particular. As convocações que fazia da população em dias festivos auxiliavam na construção da imagem de redentor. A ocasião do centenário de San Martín, celebrada pelo governo e nas ruas, prefigurava a ideia de *novo libertador*. Procurou exibir uma imagem fundadora e revolucionária, colocando-se como aquele que ia construir um Estado justo e igualitário. Confirma Romero (2006, p.113): “Uma passado negro e um presente cor-de-rosa, um antes e um agora, eram os elementos centrais que norteavam os textos e os discursos peronistas”.

A tentativa dos governos populistas de projetarem-se como novos libertadores é colocada em questão no romance. Aparece a clara distinção entre os heróis do passado e os “heróis” de agora, como se percebe nesse trecho da obra de Sábato (2002, p.76):

“Mas naquele tempo sabíamos por que lutávamos. Lutávamos pela liberdade do continente, pela Pátria Grande. Mas agora... Correu tanto sangue pelo chão da América, vimos tantos entardeceres desesperados, ouvimos tanto alaridos de lutas entre irmãos...”

O sangue mencionado no trecho em questão faz alusão à violência das ditaduras. A luta entre irmãos pode ser interpretada pelo fato de se ter, entre os próprios irmãos da pátria, pessoas dispostas a colaborar e defender regimes que vão contra os princípios de igualdade e liberdade apregoados, pois uma ditadura sanguinária, a

exemplo, só alcança sucesso em sua execução com a ajuda de militantes que lutem a seu favor.

Aos poucos se foi formando uma imagem mitológica do peronismo, personificada na pessoa de Eva Perón, conhecida como Evita, mãe dos humildes, os “descamisados”. Figurava como protetora, muitas vezes pretendendo-se associá-la a imagem de Nossa Senhora. Nas propagandas manipulava-se sua imagem, de maneira que se podia ver a associação direta à divindade.

O papel dessa mulher no cenário político foi determinante. Ela era a fundamentação que complementava a ideologia populista, fortalecendo o sistema. Percebe-se que, também na literatura de Sábato, as personagens femininas têm papel protagonista. Como María Iribarne, em *O túnel*, e Alejandra, em *Sobre heróis e tumbas*. Fora tão essencial o papel político de Eva, que, conforme se verifica na história, Perón não pôde sustentar-se sem sua presença. Assim, a independência da mulher, ao assumir o papel de protagonista na sociedade, merece destaque na obra. Também a personagem Martín, no romance, cede território a Alejandra, a quem a obra cede o espaço central, junto ao discurso político. A figura da mulher da sociedade argentina é forte, e passa longe da fragilidade atribuída comumente à alma feminina.

É clara a referência e a reprovação ao governo nesse trecho do romance (2002, p. 205): “antes o mundo era bastante divertido mas nos últimos tempos, com todos esses peronistas, é preciso reconhecer que se tornou quase totalmente Lixo”.

Na época em que prevalecia o peronismo, seria impossível fazer publicar tal afirmação, devido a forte censura da liberdade de expressão.

Ernesto Sábato, por ter sido militante comunista e por não concordar com o regime de governo seria, obviamente, perseguido. O escritor pertencia à parcela da população que, descontente, não recebia o resultado das medidas populistas, que funcionavam, grosso modo, para deixar satisfeito o povo.

Sobre heróis e tumbas questiona o povo, o porquê do conformismo e da inércia. Mostra que estão todos vivendo como cegos, sem perceberem que, paulatinamente, estão sendo furtados seus direitos, conquistados pelos verdadeiros heróis e libertadores, a custo de força e muito sangue. Evidencia que a armadilha está não só na ditadura declarada, mas na democracia que se traveste de ditadura, e de democracia mesmo, só fica o nome.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre heróis e tumbas rememora a construção do Estado Argentino, lembrando os percalços e desafios superados e, no contexto social em que foi escrita, pode indicar o caminho para a superação dos entraves à liberdade e democracia na contemporaneidade da época.

A literatura produzida no contexto das ditaduras ou de governos repressores tem certas peculiaridades e é material muito rico, que guarda relevantes percepções acerca da história de um povo.

O discurso de Sábato revela uma nova perspectiva da repressão, exibindo a existência não só da

censura personificada na figura do ditador, mas também a que está mascarada atrás de discursos populistas, e é, assim, igualmente negativa. Logo, o estudo da história mesclada ao romance de Ernesto Sábato traz relevantes contribuições e possibilita um entendimento mais amplo da realidade política e histórica que cerca a América Latina.

Sobre esses heróis e suas tumbas é que foram erguidos os pilares da nação argentina, seus ideais permanecem como uma voz que soa distante, apagada, mas não esquecida. A mensagem implícita na obra sugere que o povo deve se lembrar que onde pisam, o terreno ideologicamente livre, é calcado pelo sangue dos verdadeiros heróis. Assim, a ideia é libertar-se da cegueira que impossibilita perceber que a figura desses heróis está pretendida de ser usurpada.

Enfim, as nações latino-americanas nas suas elites ainda não se sensibilizaram com os seus graves problemas políticos e históricos, por isso é fundamental a universidade continuar investigando e promovendo o debate acerca destes temas.

REFERÊNCIAS

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. 16 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

HOBBSBAWM, Eric. *Era dos extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

RINKE, Stefan. *História da América Latina*. Porto Alegre: Edipucrs, 2012.

ROMERO, Luis Alberto. *História contemporânea da Argentina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

SÁBATO, Ernesto. *Sobre heróis e tumbas*. São Paulo: Círculo do livro, ?.

SÁBATO, Ernesto. *O túnel*. São Paulo: Círculo do livro, ?